

# Campinas, Terra da Arte!

João Lanaro

Embora possa parecer para alguém ou para muitos ser apenas uma frase feita as palavras que formam o título desta nossa crônica, pelos seus feitos de verdadeiras glórias artísticas e não somente por ter tido a ventura de ver nascer em seu sêo o maior vulto musical das Américas, é, Campinas, a terra da arte! Essa frase, que assim já se tornou chavão, não apareceu, como aparecem os fantasmas; ela brotou, exuberante, ecoando cidades, Estados, enfim, por estes Brasis afora, pelo muito que fizeram em prol de seu alevantamento, uma pleiade de patrícios nossos, filhos ou não da "Princesa". E são tantos os nomes e trabalhos existentes nessa seara da vida humana, na verdade uns de maior realce, outros de menor, porém, todos visando um só fim, que, temendo omitir aqui nomes e fatos, evitamos citá-los.

Entretanto, por várias vezes temos deparado com acontecimentos deveras entristecedores e mesmo desagradáveis, isto no que concerne às representações artísticas em nossa terra. É verdade que esse quadro desolador, se torna ainda mais rítmico, quando se trata da arte pura propriamente dita, a arte clássica, diremos, ao contrário do espetáculo com motivos corriqueiros e sem espartilhos, que têm o dom de fazer afluir aos recintos que o mesmo se realiza, grande número de pessoas, coisa que lhe facilita ainda mais, o sucesso. E, quanto a isto, não precisamos apontar nenhum caso, de vez ser prato quasi de todos os dias, como ainda vimos recentemente quando da estada entre nós da aplaudida e brasileiríssima Iracema de Alencar, a cujas noitadas no Municipal, compareceu somente uma trintena de pessoas, si muito, isto excluindo-se as entradas de favor.

E por que? — indagará consigo o leitor... — A platéia campineira por ventura não ama a arte seleta? A chuva impertinente, o vento recalcitrante e indiscreto, não permitem, por acaso, sair de casa? É caro o espetáculo? Nada disso, ou melhor, tudo isso, quem sabe, e, mais a falta de propaganda, a propaganda oficial, eficiente, dirigida. Campinas, portanto, é a terra da arte, porque tem de fato realizado momentos artísticos através de apresentações e festivais, alguns patrocinados por firmas comerciais, outros sob os auspícios da Difusão e outros ainda que somente Deus sabe o quanto custam aos abnegados empreendedores, como por exemplo a recente criação da Filarmônica Campineira, cujas duas apresentações não só roubaram horas de sono e de socêgo de seu diretor-fundador, o Prof. Djalma Campos Pádua, acrescentando, como si tudo isso não bastasse, a retirada dos seus bolsos de artista honesto, de moedas que ele pensava empregá-las de outro modo, e nunca, assim, como que a pagar pelo crime de proporcionar a Campinas momentos de fina e boa música.

O que se vê, nada mais é do que o reflexo da falta de estímulo por parte dos poderes competentes, a ausência de ajuda monetária e a inexistência de uma cooperação artístico-social isenta de parcialismo e suscetibilidade.

É verdade que já possuímos a Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, com uma biblioteca-pública anexa, dependência de grande efeito em prol da cultura da nossa gente e que muito dignifica o seu criador — o então prefeito Joaquim de Castro Tibiriçá — hoje, ilustre deputado à nossa Câmara.

Essa Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, que não podemos deixar de reconhecer a sua utilidade e mesmo necessidade para a reeducação artística e cultural da cidade, não devia no entanto, cingir-se tão somente nessas questões como simples opinadora na conveniência da cessão ou não do nosso Municipal aos que a procuram para uso artístico. O seu papel mormente agora que a nossa Câmara, pela voz do vereador José Ludgero Maselli, procura fazer algo ao teatro dos estudantes e dos amadores de nossa terra, deve ser bem outro, ou seja inteiramente artístico, indicando, conduzindo, selecionando, — isto no sentido de concorrência e não de corte — bem como incentivando afim de pender a continuidade e a educação popular.

A Difusão, assim procedendo, prestará a Campinas e a seu povo, um grande serviço! Evitará, não há dúvida, as falhas que temos presenciado na seara da arte, inclusive vícios na arte de representar e barbarismos de linguagem de que são pródigos grande número de amadores, coisa também de grande efeito para a má educação de nossa gente.

## A terceira audição da Orquestra Filarmonica

O Orquestra Filarmonica, prosseguindo em suas atividades artísticas, realizará no próximo dia 7 de dezembro, no Teatro Municipal, a sua 3.ª audição sob a direção do prof. Djalma de Campos Pádua, que organizou para essa noite um programa interessante, destacando-se a 2.ª parte, quando executará músicas populares, encerrando-a com a popular samba de Dorival Caiami "Na baixa do sapateiro", com refrão vocal. Trata-se de uma iniciativa interessante e que proporcionará aos associados da Orquestra momentos de fina música e em seguida da música popular brasileira. Os ensaios prosseguem animados, devendo essa audição lograr inteiro êxito.